

O ESP 9.9.86

prestadas pelo procurador do Incra, José Bonifácio Cabral, ao Estado em matéria publicada no último dia 6. Ao contrário do que foi afirmado, a empresa juntou o laudo de vistoria do Incra, seção Paraná, onde estão

ram a Fazenda Mineira uma empresa rural. Para o advogado, Alécio Jaruche, esse grau de eficiência não seria conseguido de janeiro para cá e a empresa está sendo vítima da desatualização do cadastro do Incra.

## “UDR não está Caiapós matam com armas invasores de desaparecidas” sua reserva

AGÊNCIA ESTADO

As armas do rebocador Nobistor, procedentes da Argentina e que sumiram no Brasil, não estão com a União Democrática Ruralista — UDR —, como havia noticiado anteontem o *Jornal do Brasil*. O desmentido foi feito ontem, em Brasília, pelo diretor da divisão de comunicação social da Polícia Federal, Paulo Marra, afirmando que foi aberto um inquérito policial no Rio, ainda não concluído, para tentar localizar as armas. A embarcação foi apreendida em março, em Itaipu (RJ). Segundo Paulo Marra, a Polícia Federal não acusou a UDR de envolvimento no comércio ilegal de armas. Para ele, essas denúncias são “precipitadas”, e informou que comunicou isso ao gabinete do ministro da Justiça.

Em nota oficial distribuída anteontem, o presidente da UDR paulista, Roosevelt Roque dos Santos, nega as acusações e pede à Polícia Federal e às autoridades competentes que esclareçam o episódio o mais rapidamente possível, “pois a nossa entidade já está cansada de constantes acusações sem apresentação de provas”. Ele admite, porém, que alguns fazendeiros possam ter adquirido armas para defender as suas propriedades, “mas jamais pensamos em formar milícias armadas”.

No Rio, o porta-voz da Polícia Federal, delegado Giovani Azevedo, desmentiu também que foi apreendido um grande carregamento de armas: “Pelo que sei, foram apreendidas três metralhadoras e algumas caixas de munição”.

BELEM  
AGÊNCIA ESTADO

Guerreiros caiapós mataram, sexta-feira, três extratores de madeira que penetraram na reserva da tribo, localizada no Pará. O superintendente regional da Funai, Salomão Santos, acredita ter havido algum desentendimento entre índios e trabalhadores, que foram assassinados a bordunadas. No momento, essa tribo não vive nenhum conflito de terra.

Um grupo de 20 guerreiros da aldeia Aucre havia saído para caçar quando encontrou-se com os três homens contratados pela Madeireira Nossa Senhora Aparecida para extrair madeira. A empresa mantém contrato com a Funai para realizar esse serviço, mas, inadvertidamente, os trabalhadores entraram na reserva. O superintendente da Funai irá à aldeia dos caiapós para inteirar-se do fato.

### GAVIÕES ADVERTEM COLONOS

A situação voltou a ficar tensa na reserva dos índios gaviões, no Pará. Os guerreiros advertiram ontem os colonos da necessidade de saírem da terra que pertence aos índios. Há quatro anos, o Getat (Grupo Executivo de Terras do Araguaia Tocantis) assentou na área 136 famílias. Cutia, o porta-voz dos índios, disse que os gaviões agora vão “partir para a ação direta”. Por outro lado, os colonos insistem em não sair da terra enquanto o Getat não providenciar outros lotes. O Getat está tentando desapropriar duas fazendas, mas a lentidão do processo irrita os índios.

CIMI NACIONAL  
Fonte GAZETA MERCANTIL  
19.08.86  
Cidade SÃO PAULO/SP

## Projeto Calha Norte e a integração nacional

por Walter Marques  
de Brasília

Oficiais do Exército brasileiro que serviram em Boa Vista, capital do território de Roraima, na década de 70, tinham, por vezes, o sentimento de que não estavam no Brasil. Naquela época, e não faz muito tempo, o comércio de Boa Vista estava totalmente ligado à Venezuela e era difícil sintonizar uma emissora de rádio cujo locutor falasse em português. Foi com a abertura da BR-174 — estrada de terra que liga Manaus a Boa Vista inaugurada em 1977 — que a situação mudou.

A BR-174 foi inteiramente aberta pelo Exército brasileiro, que com atividades deste tipo foi reunindo a experiência que se tornou método no projeto Calha Norte, o projeto que pretende ser o embrião de uma efetiva presença brasileira, demográfica e institucional, em áreas próximas à fronteira, ao norte dos rios Solimões e Amazonas, nas quais a iniciativa privada não encontra motivação econômica para assumir o papel de força pioneira no chamado processo de integração nacional.

Como faz questão de ressaltar o coronel Luis Antonio Rodrigues Mendes Ribeiro, chefe de gabinete da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, o projeto Calha Norte é, do ponto de vista financeiro, "bastante austero". Ajudado pelo coronel-aviador Aluisio Weber, chefe da terceira (3ª) subchefia do CSN, ele explicou a este jornal, na última sexta-feira, que, apesar de prever a alocação de apenas CZ\$ 1 bilhão nos próximos cinco anos — meta revista para baixo depois do Plano Cruzado —, a importância do projeto Calha Norte está no efeito multiplicador ou catalisador que dele se espera.

"A experiência, disse o coronel Mendes, nos mostrou que em torno das instalações pioneiras das Forças Armadas, que tem estrutura para levar, por exemplo, atendimento médico a esses vazios do território nacional, vão-se formando aos poucos comunidades. Com o tempo a unidade militar pode até mudar de lugar, mas a comunidade fica."

Conforme explicou o coronel Weber, oito batalhões serão instalados em diferentes pontos da extensa fronteira norte do País. Os batalhões são unidades de trinta homens, número que, segundo o coronel Mendes, mostra que o projeto Calha Norte está longe de ser uma operação militar. Na verdade, ele lembra, o projeto é coordenado pela Seplan e envolve o Itamaraty pelo lado da demarcação de fronteiras e adensamento de marcos, bem como pela promoção do intercâmbio comercial com os países vizinhos. O Ministério do Interior também participa do projeto através da Funai, devido à existência de populações indígenas na região. Os ministérios militares realizam a tarefa de abrir essas frentes pioneiras.

Atualmente a Comissão de Aeroportos da Amazônia (Comara) está construindo pistas de pouso nas regiões em que serão instalados os pelotões e postos avançados da Funai. Assim, segundo espera o general Bayma Denys, chefe do Gabinete Militar e idealizador do projeto Calha Norte, será caracterizada a presença nacional.

A prioridade dessas frentes próximas à fronteira é, conforme o coronel Mendes, ser o embrião para a criação de um pólo de desenvolvimento econômico, através da instalação da malha viária e a construção de mini centrais hidrelétricas.

O projeto Calha Norte pode ser visto como parte de uma operação estratégica de chefes militares preocupados com o futuro. Ele pode também ser visto como o elemento catalisador de uma presença brasileira viva nas regiões distantes e isoladas da fronteira norte. Contudo, numa visão mais geral, ele é um exemplo do que as Forças Armadas podem fazer quando cumprem as suas atribuições constitucionais.